



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
DEPARTAMENTO CULTURAL

GRUPO EXPERIMENTAL
DE CINEMA

Acervo Digital

Walter
da Silveira

19^o

ESPETÁCULO
DE
FILMES DE ARTE

19 de outubro de 1968 - 20,30 horas

SALÃO NOBRE DA REITORIA

"SETE MULHERES"

("SEVEN WOMEN")

Ficha técnica

Realização	— John Ford
Argumento e roteiro	— Janet Green e John McCormick, segundo a estória de Norah Lofts "Chinese Finale"
Fotografia	— Joseph LaSelle
Cenografia	— George W. Davis, Eddie Imazu, Henry Grace e Jack Mills
Música	— Elmer Bernstein
Montagem	— Otho S. Lovering
Interpretação	— Anne Bancroft (Dr. Cartwright), Sue Lyon (Emma Clark), Margaret Leighton (Agatha Andrews), Flora Robson (Miss Bins), Mildred Dunnock (Jane Argent), Betty Field (Florrie Pether), Anna Lee (Mrs. Russell), Eddie Albert (Charles Pether), Woody Strode (Lean Warrior), Mike Mazurki (Tunga Khan), Jane Chang (Miss Ling).
Produção	— Metro-Goldwyn Mayer, 1964.

É difícil dizer qual a obra-prima de um cineasta da fecundidade de John Ford, com cinquenta anos de filmografia. Talvez que, num referendun, surgisse afinal como o filme mais definitivo "No tempo das diligências (Stagecoach), que data da metade de sua carreira, 1939, e significa o próprio esplendor do western, na sua pureza e tipicidade.

Embora o mais clássico autor do Oeste no cinema, Ford várias vezes saiu desse território para realizar outras fitas de enorme beleza: **A patrulha perdida**, **O delator**, **As vinhas da ira**, **A longa viagem de volta**, **Como era verde o meu vale**, **Depois do vendaval**, também **Sete Mulheres**.

Quando numa entrevista (*Cahiers du cinéma*, n. 183) lhe perguntaram quais as qualidades que exige de um roteiro, não teve dúvida em responder: "que seja simples e claro". E, realmente, a simplicidade e a clareza caracterizam todos os seus filmes, todos têm aquela limpidez de espírito e linguagem capaz de uma comunicação imediata e profunda. O que não vale lhe atribuir coerência. Em sua filmografia não é difícil apontar uma série de contradições: ora, um defensor dos índios; ora, um glorificador da colonização dos brancos; aqui, um genuíno humanista contra a violência; ali, um consciente praticante da mística guerreira.

Na mesma entrevista, Ford revelou sua preferência pelo preto-e-branco: "A cor é muito fácil. É preciso ser um legítimo fotógrafo para fazer o preto-e-branco". No entanto, algumas vezes teve de ceder aos produtores. Inclusive em **Sete mulheres**. Mas confessou que, não obstante sua concessão, os produtores não gostaram do filme. **Não há vedetes**". Para ele, porém, Ann Bancroft e Margaret Leighton são grandes atrizes. E o filme, segundo disse, uma de suas melhores direções, sem que infelizmente o público lhe desse a importância desejada.

A razão está com Ford: **Sete mulheres**, ambientado tão distantemente de seu país, reproduz as melhores características do velho cineasta, confirmando a

fôrça que ainda tem para a narrativa fílmica. Perdida na imensidão asiática, fechada dentro de seu puritanismo, uma pequena missão religiosa composta de mulheres. Ford não nos faz saber em que época. Pouco importa. O problema será de todos os tempos. A missão sofrerá um ataque. E à investida do inimigo cai a suposta coragem missionária. Para libertar a missão, só o sacrifício da única mulher que não se trancara num círculo de hipocrisia mística, daquela contra a qual se levantara a indignação do preconceito. Praticamente, uma denúncia da desumanização gerada pelo puritanismo falso e mórbido. E um louvor à franqueza e à liberdade de viver.

O filme tem duração inferior a noventa minutos. Essa concentração de tempo cinematográfico acrescenta a densidade dramática. Não há uma cena supérflua, um plano excessivo. A necessidade artística é absoluta: nada menos, nada mais do que o relato exigia. E se as cores intervêm, ainda nelas inexistente gratuidade. Se não aduzem, não retiram: limitam-se a colaborar para a clareza e a simplicidade do conflito.

Não seria esta, aliás, a primeira vez em que Ford tentaria a concentração temporal, para reforçar a concentração espacial. Os exemplos de **A patrulha perdida** ou de **A longa viagem de volta** retornam sempre à lembrança: um pequeno oásis no imenso deserto ou o tombadilho de um navio cargueiro reduzem a ação no espaço e no tempo, mas lhe atribuem um rigor dramático ainda mais poderoso. Em **Sete mulheres** a circunstância concentracionária mesma daquela missão isolada a princípio por temor religioso, ao mundo exterior, em seguida por temor físico, serve para Ford analisar os caracteres femininos mais proximamente, mais agudamente. Aqui, a tensão não se faz na calma, como em certos filmes seus. A tensão para as personagens realmente existe, embora não exista para o espectador. Ford não quis realizar um filme de suspense. Seu intuito foi fazer um filme sobre almas, sobre temperamentos. E o fez magnificamente.

Acervo Digital

Walter
da Silveira

UMA PROGRAMAÇÃO
DO CINEMA UNIVERSITÁRIO